

SER JOVEM “CRENTE”: A ESCOLHA POR UMA DISTINÇÃO - PENSANDO IGREJA, FAMÍLIA, JUVENTUDE E “MUNDO”¹

BEING AN YOUNG “BELIEVER”: CHOOSING DIFFERENTLY – THINKING CHURCH, FAMILY, YOUTH AND “WORLD”

Maria de Fátima Paz Alves²

1. RESUMO

No artigo discutimos sentidos e implicações de ser jovem e afiliado a uma denominação pentecostal clássica – A Assembléia de Deus. Participar deste contexto de fé implica numa escolha por uma distinção, que se atrela ao desenvolvimento de capitais sociais, culturais e simbólicos. Observam-se crescentes negociações sobre “doutrina”, “usos e costumes”, em função de nuances e divisões internas que configuram relações complexas e dinâmicas, envolvendo os/as jovens, a família e a igreja. O trabalho tem por base pesquisa de base qualitativa com adeptos da AD em Recife, durante os anos de 2007 e 2008.

Palavras-chave: Juventude. Religião. Pentecostalismo. Distinção.

2. ABSTRACT

In this article we discuss directions and implications of being young and affiliate a classical Pentecostal denominations - the Assemblies of God. Participating in this context of faith implies a choice for a distinction, which attaches itself to the development of social capital, cultural and symbolic. Observe the increasing negotiations on "doctrine", "uses and customs", according to the nuances and internal divisions which make up the complex and dynamic, involving young people, family and the church. The work is based on qualitative research with supporters of AD in Recife, during the years 2007 and 2008.

Keywords: Youth. Religion. Pentecostalism. Distinction.

¹ Este trabalho apresenta de forma sintética parte da minha tese de Doutorado: “Um Jovem separado do mundo: Igreja, juventude e sexualidade na perspectiva de jovens da Assembleia de Deus de Recife-PE”, defendida em fevereiro de 2009, no Programa de pós-graduação em Antropologia da UFPE/Recife-PE.

² Doutora em Antropologia pelo programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE e professora do departamento de Ciências Domésticas da UFRPE, Recife, PE, Brasil.

3. INTRODUÇÃO

Neste artigo abordamos transformações religiosas e culturais no contexto brasileiro, destacando o sentido de ser jovem num cenário religioso pentecostal nordestino. Tal temática traz a tona o debate que retoma antigas noções sobre “tradição versus modernidade”. De um lado, afirma-se a ocorrência de crescentes transformações na “modernidade tardia”, corolário de um modelo de sociedade que afirma a autonomia e liberdade humana, expressas num crescente individualismo, no qual a tradição, em grande medida, expressa na educação provinda da família e nas ordenações da religião, já não teria mais espaço. Prevaleceria então, a liberdade de escolhas em relação aos direcionamentos, notadamente naqueles aspectos afeitos à intimidade, verificando-se uma relativização crescente do que seria ou não “correto” nas relações estabelecidas entre as pessoas (BERGER, & LUCKMANN, 2004; HERVIEU LEGIER, 1990, 2005; BIRMAN, 2001, 2007; NOVAES, 2005, 2006).

De outra parte, questiona-se sobre até que ponto este modelo de modernidade tido como hegemônico, haja vista, sua permeabilidade em espaços os mais distantes (cada vez mais inclusive podendo-se questionar o sentido do que seja distância), abarca, para além de um dado tipo de um indivíduo masculino, branco, heterossexual, filiado às classes médias, agnóstico ou não praticante religioso. Até que ponto este modelo de modernidade se estenderia às várias expressões da pluralidade sócio-cultural? (DUARTE, 2005, 2006; MONTEIRO, 2002, HEILBORN, 1999, 2004).

Se é fato que vivemos num mundo de velocidades tecnológicas e comunicativas crescentes, pode-se afirmar também que há movimentos de resistência: os traços culturais e os valores religiosos não são apagados, tampouco absorvidos de forma passiva. Vemos isto, notadamente, ao pensar a religião e seu sentido no contexto brasileiro. De uma matriz católica, passamos nas décadas recentes a uma crescente pluralidade que tem como fulcro o crescimento do pentecostalismo. O que não pode ser entendido como mero sinal de crise ou final de um processo de racionalização extremo da fé, mas como expressão de um movimento de continuidade histórica no contexto religioso e cultural brasileiro (Sanchis, 1994; Betencout Filho, 2003).

Os/as jovens evangélicos tendem a “fugir” de um modelo de juventude que representaria o modelo hegemônico de “ser jovem”. Estes/as fazem escolha por uma

distinção, seja enquanto “criados/as no evangelho” ou “convertidos/as”. Na igreja, e por vezes também na família, recebem instruções que lhes incitam a serem “separados do mundo”. Sua aparência e comportamentos devem expressar a santidade que evoca o pertencimento a uma dada forma institucionalizada de religiosidade. No caso da Assembléia de Deus, isto significa dignificar uma tradição de quem representa o pentecostalismo clássico, que deve ser expressa por estes/as no modo de vestir, nos gestos, nas palavras; sendo “luz” nos espaços profanos que cada vez mais adentram, nos quais predominam “valores modernos”.

Discutimos aqui diversos aspectos que recobrem à vivência juvenil num cenário evangélico pentecostal – assembleiano – de Recife/PE. Abordamos tanto elementos que representam pontos comuns que destacam um estilo peculiar de juventude, como ambigüidades que resultam por vezes em crises decorrentes do dilema de se pretender “estar no mundo sem ser do mundo”. Destacamos o lugar da família evangélica e não evangélica na construção de um rapaz ou moça evangélico, tendo como foco o sentido de adesão a um contexto religioso que busca ser exclusivista, mas que nos “novos tempos” cada vez mais precisa dialogar com jovens e famílias.

O conhecimento e compreensão de tal enfoque dentro da Economia Doméstica acena para a importância de se levar em conta a diversidade, inclusive religiosa, para uma atuação mais eficaz do profissional junto às famílias e comunidades. Cada vez mais fica evidente que a religião faz sim diferença na configuração de diversas situações e contextos locais e nacionais e carece de ser considerada como recorte em estudos e intervenções sociais (SCOTT & CANTARELLI, 2004; ALVES, 2009).

4. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Ser um/uma jovem da Assembléia de Deus (AD) remete a uma distinção, a visões de mundo e modos de vida que, em princípio, guardam especificidades em relação àqueles compartilhados pelos/as demais jovens em sociedade (BOURDIEU, 2007). Requer resistência ao “mundo” e permanente vigilância para com a fé e os valores cristãos (assembleianos/evangélicos). O pentecostalismo em sua base fundamentalista, com especificidades no contexto brasileiro, desenvolveu uma identidade com dimensão negativa do mundo que lhe cerca, por oposição aos costumes da sociedade e aos

princípios de outras religiões, principalmente do catolicismo e das crenças de origem africana, estendendo-se esta oposição, em grande medida, também às doutrinas e tradições de outros grupos evangélicos, mesmo que estes professem fundamentos similares aos seus (BAPTISTA, 2002; FRESTON, 1994).

Tal “sistema” tem sofrido questionamentos internos nas décadas recentes, requerendo-se transformações na estrutura interna das denominações, que, todavia, precisam resguardar a essência do “ser pentecostal”. No caso, específico da assembléia de Deus, defende-se uma tradição, que se liga fortemente à identidade do “crente”, ao tempo em que, há crescente demanda por uma adaptação aos novos tempos para manter-se ou crescer. Tal dilema está na ordem do dia para lideranças e membros da igreja, perpassando a experiência do “ser jovem”. Embora não nos detenhamos em tal discussão, ela se apresenta como “pano de fundo” das temáticas que trabalhamos neste texto.

Enfatizaremos de início, o modo como tal processo se daria em função de ser o jovem ou a jovem de ascendência ou não evangélica - “criado/a no evangelho” ou “convertido/a”; discutindo nuances relativos ao modo como se forja um *habitus* vinculado ao pertencimento a uma denominação pentecostal clássica, tida como tradicional e rigorista. A noção de *habitus* diz respeito à interiorização da externalidade e a externalização da interioridade, ou seja, a maneira pela qual a sociedade é depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, remetendo às capacidades treinadas e estruturadas de pensar, sentir e agir de um determinado modo, as quais as orientam em suas “respostas criativas” as restrições e solicitações dos meios em que se encontram (BOURDIEU 2003; WACQUANT, 2004).

Ao pensar juventude, consideramos que não obstante a existência de modelos que podem ser tidos como hegemônicos, tal categoria não pode ser apreendida de modo uniforme, pois existe uma enorme variedade contemplada no que denota tal palavra, em função de contextos históricos e divisões sociais (BOURDIEU, 1983; ALVIN, 2007; ABRAMO, 2005; NOVAES, 2005). E que não se pode esquecer a sua relação com geração e família, entendida esta, como uma unidade polivalente e multifuncional, na qual se fundem processos biológicos e sociais vitais, indispensáveis para a continuação da sociedade. A família deve ser apreendida nas relações que envolvem diversos níveis do social, a saber: relações entre família e comunidade, família e gerações, entre

parentes e, sobretudo, relações entre homens e mulheres, sempre levando em conta a diversidade de modelos, formas de organização e dinâmica interna (CEBOTAREV, 2007).

5. METODOLOGIA

O trabalho enquadra-se no amplo espectro da abordagem qualitativa em pesquisa social, no qual se privilegia a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana (MINAYO, 1992). Visando entender como os/as jovens assembleianos/as concebem vivências afetivas e sexuais, foram realizadas vinte entrevistas em profundidade, sendo onze com mulheres e nove com homens, dos/as quais quatro eram adultos - três homens e uma mulher - e os/as demais eram jovens. A maioria dos/as jovens freqüentava regularmente as atividades e cultos das suas igrejas, vários deles exercendo posições de liderança. Uma jovem e três dos adultos (três homens) eram ex-membros da denominação.

Os/as jovens se encontravam numa faixa etária entre 15 e 29 anos, sendo consideradas diferenças entre os “jovens mais velhos” (entre 20-29 anos) e “jovens mais novos” (entre 15 a 20 anos) para efeito de análise. Consideramos, também, critérios *emicos* (da própria comunidade religiosa), nos pautando ainda pela delimitação de juventude do Conselho Nacional da Juventude. Os/as adultos/as entrevistados/as encontravam-se na faixa etária que vai dos 30 até os 50 anos, representando grosso modo a “geração dos pais”, embora nenhum deles fosse efetivamente pai de algum/a jovem entrevistado/a.

Verificou-se uma heterogeneidade entre os/as entrevistados/as em relação à localização, renda e escolaridade, destacando-se este último item, particularmente, como superior ao de referência ao público que frequenta a igreja (BRASIL, 2001), o que se deve principalmente ao fato da pesquisa ter sido realizada inicialmente nas universidades federais de Pernambuco, posteriormente, sendo estendida para outros/as locais de referências ligados às congregações locais.

Além das entrevistas, foram realizadas observações de rituais, cerimônias, eventos e de alguns momentos de informalidade entre os/as entrevistados e demais

interlocutores/as. Também nos utilizamos de instrumentos analíticos auxiliares como: escuta da rádio evangélica da Assembleia de Deus e observação de sites e comunidades virtuais ligados a esta ou a membros desta, com vistas à apreensão da realidade em foco.

O trabalho de pesquisa de campo foi realizado entre os anos de 200 e 2008, e norteou-se, em sua perspectiva metodológica, pelo código de ética do antropólogo, que representa o marco de referência central para o trabalho de campo antropológico, tendo em vista, sua base na etnografia, o que lhe diferencia de outras formas de pesquisa nas ciências sociais e humanas (ABANT, 2012). Destaca-se, neste sentido, o direito ao acesso às populações e as fontes com as quais o pesquisador precisa trabalhar, por um lado, e por outro, a necessidade de informação sobre a pesquisa à pessoa e/ou grupo pesquisado, livre escolha por participar, tendo garantidos a preservação da sua intimidade e de que a informação prestada não será utilizada com o intuito de prejudicar a pessoa ou grupo pesquisado; garantindo-se ainda, o acesso aos resultados da investigação.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 “Criados/as no evangelho”: A família como base para a distinção

Para os/as jovens “criados no evangelho”, como se auto-referem os/as entrevistados/as que foram socializados desde a infância em “lares evangélicos”, haveria uma assimilação quase “natural” da doutrina e de um modo de vida, a partir da observância de determinadas normas prescritas pela igreja, praticadas pela família e controladas pela comunidade. Elas se concretizariam numa forte ênfase na gestão da vida privada, particularmente, na vivência da sexualidade, com ecos na vida pública, num modo de se apresentar que revele uma distinção. A dificuldade em efetivar esta empreitada, conduziria (ou deveria) a uma reiterada busca da fonte da qual emanam seus fundamentos: a um estado de auto-vigilância, num processo de construção e aprimoramento de um *habitus* vinculado diretamente à religião (Silva, 2003).

Ser “criado na igreja”, ter uma família que o/a educou segundo princípios cristãos, e uma comunidade crente e não crente para “vigiar”, em princípio, conduziriam a uma

juventude assembleiana típica, mas, não necessariamente, conforme evidenciado na pesquisa, e em vários estudos que mencionam a ocorrência de uma significativa evasão da AD na juventude. O que se concretiza na ida para outras denominações – tradicionais ou neopentecostais, para as religiões não evangélicas ou optando-se por ficar “sem religião”. Ainda, na tendência à conversão ou reconversão em idade madura, conforme revelam os/as interlocutores e estudos sobre a denominação (FREESTON, 1994; MARIANO, 2004; MACHADO, 1995; COUTO, 2002; NOVAES, 2006; SCOTT & CANTARELLI, 2004).

Destaca-se, notadamente, na fala dos membros da “geração dos pais”, estratégias, visando lidar com “os novos tempos”, destacando-se a importância de que o/a jovem possa vivenciar certas experiências que lhes despertam a curiosidade; ainda que, como revelado na fala a seguir, mantenha-se ou tente-se manter, tudo como sempre foi, ou seja: “sob controle”.

B – Eu acho que tudo depende da criação. Eu estou criando minha filha aberta pra tudo, não tem isso de não pode fazer; ela gostava muito de maquiagem, eu cheguei, dei um estojo de maquiagem a ela, isso pra a norma da AD é um absurdo. Alguém vai dizer: “menina tu é a mãe e faz isso”, e ela se abusou e disse não quero mais, então, ela própria... F – Porque ela se abusou? B - Ela ia lá e se maquiava e me perguntava: tô bonita? Eu dizia: tá; ela ia lá, trocava as cores e perguntava de novo, e eu dizia: tá bonita. Quando ela veio a terceira vez, eu disse: você tá muito bonita, agora eu não sei se três pessoas vão achar também, são Papai do céu, o Espírito Santo e seu pai. Se eles acharem bonito, tudo bem, pode continuar usando, se não acharem você joga tudo fora. Então, ali ela mesmo caiu em si: eu não precisei bater, nem xingar (Beatriz, 43 anos).

Não obstante o que afirma esta entrevistada, os/as jovens esboçam reações visando driblar os ditames, ou adequá-los, o que envolve negociação entre juventude, pais e igreja. A criação, conforme se dava no passado, ou que persiste ou tenta, no mesmo “sistema”, tende a ser vista pelos/as interlocutores/as mais escolarizados/as, como forjando pessoas despreparadas ou falsamente comprometidas, com dificuldade de resistir aos encantos e tentações “do mundo”.

Também no caso dos/as assembleianos/as, em termos de família, não se pode pensar em formatos fechados, senão, em múltiplas e variadas formas e dinâmicas. Por vezes, por exemplo, mesmo tendo-se crescido numa família “não crente”, se vive,

próximo a parentes pentecostais, que poderão induzir ou mesmo conduzir à igreja³. Isto pode resultar em influências em maior ou menor grau sobre a decisão por afiliar-se a esta na adolescência ou juventude⁴.

6.2 “Convertidos/as”: Deixando a “vida de pecado”

Para os/as jovens que se convertem e não passam por uma socialização de base pentecostal – assembleiana - as coisas se dão de modo um pouco diferente. Por não serem familiarizados com “o sistema”, tenderão a ser mais dedicados, mais obedientes às normas, conforme relatam os/as entrevistados/as. Enquanto para os/as criados/as no evangelho, em grande medida, as normas já se tornaram “naturais”, reconhecendo-se, inclusive, um campo de possibilidades com o qual é possível lidar, sem risco de ser mal visto/a ou sofrer algum tipo de sanção, os “novos convertidos” estão deixando a “vida de pecado”, emergindo num universo novo, onde, em princípio, o discurso e a prática devem estar em perfeita consonância. O fato de terem passado por um processo de conversão, que se deu muitas vezes em condição de aflição e/ou forte emoção, parece corroborar neste sentido.

A gente que é criada na igreja sabe dos excessos; ele (namorado novo convertido) não quer usar bermuda. Eu disse que meu pai usa. Então é como quando você entra numa empresa e quer seguir a risca às normas, depois vai relaxando (Jacilene, 25 anos).

Por outro lado, os/as convertidos/as representam perigo para a igreja. Há sempre a possibilidade de “trazerem o mundo para dentro da igreja”, da conversão não ser verdadeira ou duradoura, colocando em risco os/as demais jovens. Tal ambigüidade fica evidente na fala de alguns interlocutores, e de lideranças da igreja⁵. Com o avanço da idade (de jovens mais jovens para jovens mais velhos) verificam-se maiores cobranças em relação ao comportamento dos/as jovens, em ambos os casos, inclusive, acerca do

³ Isto foi visto também por Couto (2002).

⁴ Vizinhos/as e professores/as também representam influências neste sentido conforme referido por alguns interlocutores/as.

⁵ Há relatos sobre jovens que saem e voltam com frequência, perdendo a credibilidade diante dos/as demais e da igreja.

batismo nas águas, que, embora adiado por muitos/as jovens por “razões estratégicas”⁶, não poderá sê-lo indefinidamente, uma vez que este sacramento assegura um compromisso efetivo com a igreja e acesso aos espaços de poder, dentro das opções existentes para moças e rapazes (Silva, 2003). Por outro lado, é importante para a própria igreja contabilizar o crescimento do número de seus membros, aumentado também a possibilidade de controle sobre eles/as.

A conversão e a reconciliação representam parte significativa do “apelo” no proselitismo da igreja, que não busca apenas trazer “novas ovelhas” ao rebanho, mas também resgatar as “ovelhas perdidas”. Todos/as, especialmente, os/as jovens” são bem vindos/as, quando reconduzidos ao rebanho. Os afastamentos, embora possam ser atribuídos à falta de apoio familiar ou de sensibilidade por parte das lideranças, costumam ser antes de tudo, atrelados à responsabilidade individual. Em linhas gerais, há uma tendência na visão dos/as entrevistados/as, que se aproxima da concepção histórica desta denominação e do protestantismo tradicional, em ver a pessoa assumindo individualmente a “culpa” ou responsabilidade diante do pecado (MARIZ, 2007; HOFFNAGEL, 1978; BURITY, 2007). Menciona-se a influência demoníaca, concomitantemente a alguém “fraco na fê”, que “dá lugar” a que “o diabo atue”.

Há indícios de que a condição de pertencimento às igrejas de centro e de periferia (o que se associaria, em grande medida, a níveis deferentes de escolaridade e renda) influencie no fenômeno do “desvio” e da flutuação religiosa. Com efeito, observa-se maior controle na periferia (aliado às exigências sobre rigor que costumam lhe ser associadas), o que induziria ao afastamento mais freqüente (e até mesmo banalizado) dos/as jovens, enquanto nas igrejas centrais, não haveria condição de se exercer tal controle; também, verificando-se uma maior tolerância, em relação aos “usos e costumes”, principalmente para com os/as “mais jovens”.

Ser jovem “criado/a no evangelho” ou “convertido”, não pode ser visto, portanto, de modo isolado de outras marcações, como aquelas referentes à escolaridade, renda, localização de centro e periferia, além do gênero, conforme demonstramos ao longo deste artigo.

⁶ O adiamento do batismo garante uma espécie de moratória, uma vez que, sem ele se é considerado “congregado” e não “membro” efetivo da igreja, cabendo menores responsabilidades, sanções e punições correlatas.

6.3. Participação dos/as jovens: “Cultivando a fé e dando frutos”

Para ser um/uma jovem crente e persistir na fé é necessário cultivá-la. O primeiro passo nesta direção é a participação nas diversas atividades da igreja, vinculando-se a um ou mais órgãos internos, de acordo com a faixa etária e sexo. Tal participação além de conduzir a um aprimoramento espiritual, produz uma interação social significativa, particularmente, com pessoas de sua faixa etária, com as quais tenderá a desenvolver relação de parceria e amizade. Estas relações são vistas pelos/as jovens entrevistados/as como importantes para a permanência na igreja, ou, fazendo diferença em momentos de crise, quando estão “fracos na fé” e pensam em deixar a igreja, ou para o “retorno ao rebanho”.

Acima de tudo, costuma ser motivo de prestígio no contexto da igreja local, a ocupação de lugares de destaque e liderança, que caracterizaria um exemplo de fiel dedicado e zeloso na defesa da doutrina cristã e dos princípios assembleianos. Os/as jovens cabe participação na liderança leiga, em geral, estando a frente de grupos formados por crianças e adolescentes, nunca assumindo, senão de forma assistida, a responsabilidade por atividades que envolvam pessoas de sua faixa etária, cuja supervisão, em geral é entregue a um adulto, preferencialmente feminino nos grupos que envolvem mulheres ou são mistos, e masculino, no caso, em que o grupo é exclusivamente masculino.

Desde as congregações centrais às pequenas congregações “de bairro”, a participação dos/as jovens vai desde os ensaios à costumeira apresentação aos domingos, nos eventos especiais da congregação, e nos intercâmbios onde são atrações especiais. Aí, principalmente, observando-se oportunidades de conhecer outros/as jovens, estabelecer contatos, construindo redes para além da comunidade local, muito importantes no caso das igrejas de periferia; e mesmo, de transgredir normas, por exemplo: “ficando” com alguém.

Um dos principais impactos dos tempos atuais, e da efetiva participação “no mundo”, além da incorporação de certas “práticas mundanas”, é a escassez de tempo dedicado à igreja. Não obstante, destaca-se a importância da afiliação a esta para certos aprendizados e construção de redes, que se estendem para além da inculcação e

afirmação de um *ethos* religioso (BIRMAN, 2001, 2007; SOARES, 1999, SCOTT & CANTARELLI, 2004).

Seguir e defender a doutrina e os ditames da igreja (ainda que, certas normas sejam, por vezes, relativizadas), pode gerar oportunidades de prestígio e crescimento dentro desta, o que pode significar para os rapazes, por exemplo: uma carreira no “ministério” (clero oficial da igreja), e para as moças, além da ocupação dos cargos a elas destinados, a possibilidade de obter um cônjuge adequado/promissor. De acordo com as normas da igreja, apenas os homens podem exercer cargos no ministério, que abarca um leque de posições numa hierarquia em que, além de prestígio e poder, há ganhos financeiros, o que representa um elemento concreto na configuração de uma assimetria de gênero no seio da denominação⁷.

A participação do/a jovem conduz ao desenvolvimento de aptidões e “etiqueta peculiar” para lidar com o público, considerando as sutilezas relativas às variações internas à própria igreja. Neste sentido, ser “uma benção” pode trazer prestígio e poder no contexto interno da congregação, e fora dele, favorecendo a profissionalização e empregabilidade deste/a e uma participação diferenciada na esfera pública. É importante, neste sentido, considerar o crescente avanço de escolaridade e renda de parte significativa dos crentes, o que, além de favorecer uma heterogeneidade de idéias internamente, gera possibilidades de coexistência de empregados e patrões num mesmo contexto eclesial, forjando-se uma teia complexa de relações, envolvendo hierarquias de classe, gênero e parentesco.

“Ser diferente” implica numa incorporação e disposição de capitais – sociais, culturais e simbólicos – relacionados, em grande medida, à aquisição de conhecimentos e habilidades, vivência de vínculos e formação de redes, que rapazes e moças, filiados/as às igrejas de centro e periferia tendem a vivenciar de modo diferenciado. Em princípio, conforme indicam alguns estudos, entre os quais Scott & Cantarelli (2004), os/as jovens das classes populares se utilizariam de modo mais efetivo de tais vias, o que condiz com o que também observamos.

Considerando, todavia, que vislumbramos um contexto mais amplo, é possível pensar em um uso diferenciado das redes sociais. Jovens crentes de classe média lançam

⁷ A administração atual da igreja ampliou o número de funções gratificadas e assalariadas. Há gratificações crescentes para os obreiros, sendo as funções de evangelista e pastor pagas com salários mensais.

mão de diversas possibilidades e recursos variados, inclusive dos aprendizados e redes de que disponham através da igreja, para mais facilmente atingirem seus objetivos. Estar perto do centro de poder pode favorecer a que se chegue a cargos na hierarquia da igreja, no caso de um rapaz. Uma moça de elevada escolaridade poderá ser favorecida com um cargo de alto nível ligado à administração da denominação, ou mesmo externo a esta, em função de redes que constrói a partir de tais vínculos (mais ainda se tal rede envolve concomitantemente relações de parentesco). Tais possibilidades são bem mais limitadas para o/a jovem de classe popular, que de uma congregação de periferia.

6.4. Interagindo no “mundo secular”

Os/as jovens assembleianos/as são instados/as a serem legítimos representantes da igreja nos espaços em que se movem; por sua vez, desejam ser aceitos nos espaços que crescentemente ocupam na esfera pública, que envolve “o mundo secular”. Isto nem sempre se dá conforme o esperado, verificando-se queixas sobre cerceamentos e discriminação em ambientes tais como trabalho e faculdade, levando-os a esboçar reações distintas.

Eles (colegas de curso) evitam conversar comigo. Eu gostaria de ter mais contato, mas se eu me aproximar eles vão aproveitar para na primeira oportunidade usar isso contra mim. Um exemplo bem claro é a questão da sexualidade, eu tenho um livro sobre isto, e assim: nenhum jovem deve negar que existe o impulso sexual, mas sim que têm que contê-lo. Por exemplo, se eu ver uma menina bela passando e expressar a beleza que estou vendo para alguém, a pessoa vai lhe dizer: “Olha Davi! Como está saidinho hoje, como está folgado! (Davi, 22 anos).

É interessante a perspectiva de “crítica da crítica do outro” que se sobressai na fala de alguns/algumas entrevistados/as mais escolarizados/as, indicando um lugar de reflexão em resposta ao que seria uma visão estereotipada acerca da denominação e de seus/suas adeptos/as. Também, não por acaso, onde se faz ciência, ou no fazer científico (FREESTON, 1994; MOTTA, 2007; BURITY, 2007); sem dúvida, uma característica que denota estes/as enquanto atores e atrizes imersos em “contextos modernos”.

Como lidar com noções pré-concebidas e provocações por parte de pessoas/instituições com as quais cada vez mais se é instado a interagir, em função de um estereótipo socialmente construído sobre o “ser crente”? As respostas dos/as

entrevistados/as recobrem quatro possibilidades que vão: na direção de um “fechamento”, que denota retração ou apatia, passando por uma interação com restrições, ou estabelecendo uma postura de confronto. Uma reação possível, ainda, denota a negação do “ser diferente”, observada em momentos de crise, que pode se revelar como algo passageiro, sem maiores repercussões, ou vir a resultar no afastamento momentâneo ou efetivo do/a jovem do seio da igreja.

Entre os/as jovens entrevistados/as predomina a busca de interação com restrições, até mesmo porque nem sempre o limite é dado pela pessoa, senão pelo outro, conforme fica evidente na fala dos rapazes, principalmente, para quem, conforme sugerem alguns estudos, seria mais difícil a condição de crentes, que os distanciaria, mais que as moças, do modelo de masculinidade hegemônico vigente na sociedade (MONTEIRO, 2002; NOVAES, 2005; COUTO, 2002; RHODEN, 2005; MACHADO, 2005).

Se no passado a entrada na universidade era tida como um perigo para os/as jovens da denominação, não se incentivando ou mesmo se criticando o avanço nos estudos por parte destes/as, na atualidade, verifica-se um incentivo e cada vez mais, um incremento na presença de jovens nestes espaços. Conviver e vivenciar experiências no espaço da academia é visto como algo difícil pelos/as jovens universitários/as assembleianos/as, que reconhecem a necessidade de fortalecimento espiritual e preparo na igreja para enfrentar os desafios e questões que lhes são colocadas, então.

Já há dois anos que eu vinha tentando o vestibular e não passava; mas eu olho agora, eu precisava ter mais experiência com Deus, precisava de um contato com aquele poder, com aquela alegria da igreja pra quando eu chegar aqui não me chocar. Estar fortalecida; de pedir que Deus estivesse comigo porque as experiências que eu venho tendo só vem a me fortalecer (Valéria, 25 anos).

Há por parte da igreja preocupação com uma melhor preparação dos/as jovens, buscando-se formar opinião ao invés de simplesmente tentar negar possibilidade ou criticá-los em função de escolhas de curso, por exemplo. A idéia é preparar o/a jovem para que este entre e saia deste espaço de saber, sem se “contaminar” por sua visão secularizante, ou, ao menos, sem perder a fé e os valores cristãos, dando exemplo, e se possível, evangelizando os/as colegas, o que parece ser algo raro. Certos campos das

Ciências Humanas e Sociais são vistos como particularmente perigosos, em oposição às carreiras de perfil “técnico”⁸.

Se a Universidade é vista, ainda que em menor grau que no passado, como espaço “hostil ao evangelho”, antes dele, embora menos visibilizada pelas lideranças da igreja, a escola representa o local que se opõe à igreja: onde se desfruta de liberdade e menor vigilância. Também onde se é primeiramente testado/a (ou tentado/a). É lá que se colocam primeiramente a questão dos limites impostos e se engendram formas de lidar com estes.

Precisa-se e pode-se conviver com outros/as jovens “do mundo”, afirmam os/as nossos/as interlocutores/as, tendo sempre cautela para saber até onde ir e como se conduzir. Pode-se nesta relação: capitular, endurecer ou buscar algum termo de conciliação (Berger, 1994), caso que representa a tendência mais comum entre estes/as.

Os/as jovens entrevistados/as, com variações menores ou maiores em função da escolaridade e renda, costumam ter entre os pares da igreja seus melhores amigos, ou amigos atuais. Estar entre os ímpios representa para eles/elas uma espécie de “sacrifício necessário”, cada vez mais comum, e não necessariamente conflitivo (Couto, 2002), sem dúvida, capaz, de corroborar para a transformação de vivências, representações e identidades construídas ao longo do tempo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os/as jovens observam-se movimentos de resistência e transgressões que se apresentam por vezes de modo imbricado. Há certa margem de negociação entre os/as jovens e a igreja, relativa em função de contextos e situações diversas. Quase sempre, na perspectiva de que o/a jovem, por vários caminhos, conforme lhe seja possível, vá tentando quebrar/driblar os/a “excessos”, enquanto a igreja pressiona com maior ou menor sutileza, a depender da situação e dos/as atores/atrizes envolvidos/as, para que estes/ estas sigam seus ditames. Como diria um de nossos interlocutores jovens: “é uma guerra” (nem sempre visível, notadamente para quem está de fora).

⁸Isto foi visto também por Baptista (2002). Ouvimos comentários sobre homens que teriam sido preteridos em relação à assunção de cargos na igreja pelo fato de entrarem na universidade, ainda nos dias atuais, o que não pudemos constatar. Os relatos sobre o passado, entretanto, mostram-se bastante contundentes.

Os movimentos dos/as jovens vão desde práticas sutis e veladas à transgressão deliberada e /ou consciente. Ir ao cinema para poder ter argumentos para contestar um determinado filme, participar de eventos como uma passeata gay ou uma festinha de turma, porque é obrigatório ou para dar testemunho; usar calça comprida e maquiagem no trabalho porque é obrigatório; adiar o batismo para ficar livre das cobranças das lideranças, não podendo também ser punido de modo mais rigoroso por “erros cometidos”, por não ser membro; agir de modo “inadequado” por ser adolescente e entender que “todos sabem o quanto é difícil esta fase”; usar biquine na praia, mas “tipo cuequinha”. Escutar música “profana”, “afinal tem muita música bonita que não atinge a igreja”; escutar outras rádios e não a rádio da igreja; ir a eventos proibidos ou não recomendados pela igreja porque esta não oferece opções para os/as jovens.

Pode-se, ainda, freqüentar os templos centrais, mantendo-se um vínculo relativamente frouxo nestes, de modo que se possa estar mais livre “no mundo”. Neste caso usufrui-se por um lado de maior autonomia, mas perde-se em possíveis apoios da comunidade de fiéis. Este seria o caso de alguns/algumas jovens de classe média que não veriam como fundamental tal tipo de solidariedade. Este tipo de participação dificilmente conduzirá a uma posição destacada dentro do contexto eclesial; salvo, é claro, pós- arrependimento e testemunho, o que não deixa de ser também um modo de se lidar com o rigorismo, senão a forma mais comum e vigente ao longo do tempo (HOFFNAGEL, 1978; SILVA, 2003)⁹.

Os laços de amizade que se constroem entre os/as jovens são significativos na forma como algumas dessas práticas são postas em ação. É contando com a “administração do segredo“ (GOMES & NATIVIDADE, 2006), que planejam, executam e omitem determinadas ocorrências, de modo que a liderança não descubra quem seria o/a autor/a ou autores/as destas. O apoio das redes de solidariedades entre pares é fundamental numa configuração em que o poder da igreja mostra-se relativizado.

Num crescendo, passaríamos das transgressões sutis e justificadas aquelas que implicam num “duplo comportamento”, à transgressão consciente, chegando-se a possibilidade de confronto direto com as lideranças, o que tende a ser mais comum entre aqueles/as que não têm, nem pretendem ter maiores compromissos, não estabelecem

⁹ Estes são alguns exemplos que podem ser citados a partir da fala dos/as interlocutores. Detemo-nos, considerando o objeto em análise, em estratégias que se conjugam com a permanência na igreja, mais que com fluxos ou trânsitos religiosos.

vínculos de interesse ou dependência que os liguem à igreja. Rapazes e moças mais velhos e de maior escolaridade tendem a se aproximar de tal perfil, com maior destaque para as moças criadas no evangelho em relação às convertidas.

Há diferenças no rigor que costuma ser cobrado nas congregações mais centrais e nas periféricas. Assim, um determinado discurso ou comportamento “moderno” pode ser aceito ou ao menos tolerado numa determinada congregação, sendo em outra, completamente rechaçado.

Do ponto de vista do gênero, há uma perspectiva por parte dos/as entrevistados, em grande medida, em acordo com a denominação, e porque não dizer: com a cultura machista latina e brasileira, com a qual vem, por vezes, se imbricar, de que as mulheres devem ter um comportamento exemplar. Muitas delas, a sua maneira, vão obedecendo e driblando o que lhes é imposto. Em linhas gerais e com variações internas, mesmo numa mesma congregação, observa-se que as saias sobem e apertam, as mangas encurtam ou desaparecem, as sobrancelhas estão cada vez mais finas as unhas pintadas “bem clarinho”, na boca, “um batonzinho claro” ou *gloss*, suave, “bem suave”.

Há limites à tolerância por parte da igreja, há “trunfos com que esta conta. O abuso na prática de comportamentos contrários às normas pode vir a comprometer futuras possibilidades de crescimento dentro da igreja, correndo-se mesmo o risco de se ficar à margem neste contexto, lugar que para a maioria não seria o desejado. O mais comum é que haja punição em função de falta considerada grave, envolvendo principalmente questões ligadas à sexualidade. Contextos de classe média (centrais) e justificativas sobre obrigatoriedade no trabalho ou na escola costumam atenuar certas exigências sobre a aparência, representando, quase sempre formas de manipulação de limites.

É importante levar em conta que não se trata simplesmente de uma espécie de “queda de braço” entre jovens e lideranças, mas da constituição de um perfil dentro de uma comunidade crente e não crente, a qual o/a jovem pertence por escolha, e, em princípio, deseja continuar a pertencer. Há maiores possibilidades de ganhos em prestígio e status além de outros decorrentes, para aqueles que dão exemplo e defendam o ideário da igreja; e um escanteamento ou marginalização para aqueles que destoam reiteradamente do que esta prescreve. Ainda que não haja tantos rigores nas punições, como no passado, há uma espécie de “ranking” que denota os melhores e mais

promissores/as e marginaliza ou afasta os/as destoantes. Não apenas do ponto de vista da relação liderança- jovens, mas entre estes/as próprios, forjam-se imagens daqueles/ ou daquelas que representam “um verdadeiro servo do Senhor” ou “uma jovem de oração” com ônus e ganhos correspondentes.

Para quem e em quais contextos isto vem a fazer diferença ou maior diferença neste cenário, nos dias atuais? Para aqueles/as s quem os aprendizados e as relações que se forjam nesta representem centralidade em sua trajetória de vida, em detrimento daqueles/as que por várias razões apresentam possibilidade de uma relação de maior autonomia em relação aos ditames da igreja, autonomia esta, contudo, sempre relativa.

Embora a adesão represente uma escolha, sua liberdade pode ser questionável ou contextualizável, pois se trata de uma escolha que vai de encontro às buscas, interesses e afinidades que marcam um determinado modo de pensar ou performar um/uma jovem “separado/a do mundo”. Que num amplo sentido, com nuances, diferenças internas e especificidades, conforme vimos: representa uma forma de resistência ante ao que se coloca na sociedade (inclusiva) como modelo hegemônico de juventude.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Condições juvenis no Brasil contemporâneo**. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. M. (Orgs.). **Retratos da Juventude brasileira. Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Perseu Abramo/ Instituto cidadania, 2005, p. 37 – 72.

ALVES, M. F. P. **Um Jovem separado do mundo. Igreja, juventude e sexualidade na perspectiva de jovens da Assembleia de Deus**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Antropologia/UFPE, Recife, 2009.

ALVIM, R. **Juventude, diferenças e desigualdades**. In: XIII Congresso brasileiro de sociologia. Recife, 2007.

BAPTISTA, S. T. C. **“Fora do mundo” – dentro da política: Identidade e “missão parlamentar” da Assembléia de Deus em Belém**. (Dissertação Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2002.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido. A orientação do homem moderno**. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

BERGER, P. L. **Una gloria remota: avere fede nell'epoca del pluralismo**. Bologna: Editora Il Mulino, 1994.

BIRMAN, P. **Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos**. In: SANCHIS, P. (org.) **Fiéis e cidadãos. Percursos do sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Universitária - UERJ. 2001, p.59 - 86.

BIRMAN, P. Conferência de abertura. Mesa redonda: **Religião, republicanismo e espaço público**. FUNDAJ, Recife, agosto de 2007.

BITTENCOURT FILHO, J. **Matriz religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. **A juventude é apenas uma palavra**. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BURITY, J. **Religião Cultura e pluralismo**. Mesa redonda: *Religião republicanismo e espaço público*. FUNDAJ, Recife, agosto de 2007.

CEBOTAREV, N. **Una vision crítica y política de familia y desarrollo**. Editora Universidad de Caldas, Colombia, 2007.

CENSO DEMOGRÁFICO DE 2001. IBGE, Rio de Janeiro, 2001.

CHAVES, J. C. **Ficar com: um novo código entre jovens**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2001.

CÓDIGO DE ÉTICA DO ANTROPÓLOGO. [http://: abant.org.br](http://abant.org.br). Acessado em 10 de fevereiro de outubro de 2012.

COUTO, M.T.C. 2002. **Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEBS**. In: *Revista Estudos feministas*. V.10, n.2, Florianópolis July/dec.2002.

DUARTE, L. F. D. **Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira**. In: HEILBORN, M. L. et al. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005, p. 137-176.

DUARTE, L. F. D. et al. (Orgs.) **Família e Religião**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2006.

FRESTON, P. 1994. **Breve história do pentecostalismo brasileiro.**In:Antoniuzzi et al (org). **Nem anjos, nem demônios. Interpretações sociológicas do pentecostalismo.**

GOMES, E. C.; NATIVIDADE, M. T. **Para além da família e da religião: segredo e exercício da sexualidade.** Religião e Sociedade, v. 26, nº 2. Rio de Janeiro, 2006.

HEIBORN, M.L.**Sexualidade. O olhar das Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

HEIBORN, M. L. Família e sexualidade. Rio de Janeiro. FGV, 2004.

HERVIEU – LÉGER, D. *Christianisme et modernité.* (éd. Avec R. Ducret et P. Ladrière). Paris, Cerf, 1990.

HOFFNAGEL, J. C. *The believers: pentecostalism in a brazilian city.* Tese de doutorado, Indiana University, 1978.

MACHADO, M. D. C. **Corpo e Moralidade Sexual em Grupos Religiosos.** Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 1, 1995, p. 7 - 27.

MACHADO, M.D.C. 1997b. **Mulheres: da prédica pentecostal ao debate sobre sexualidade, saúde reprodutiva, aborto e planejamento familiar.**In: Schpun (org.) **Gênero sem fronteiras. Oito olhares sobre mulheres e relações de gênero.**

MACHADO, M.D.C. **Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais.**In: Estudos feministas, 13/2 – maio agosto de 2005.

MARIANO. 2004. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal.** In: Estudos Avançados 18(52), 2004.

MARIZ, C. L. **Religião e políticas públicas.** Mesa redonda: Religião, republicanismo e espaço público. Recife, agosto de 2007.

MARIZ,C. & MACHADO, M.D.C.1994. **Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais.** Comunicações do ISER, 45, 1994.

MINAYO, M. C. S. de **O desafio do conhecimento.** São Paulo: CITEC-ABRASCO, 1992.

MONTEIRO, S. **Qual prevenção? AIDS, sexualidade e gênero numa favela carioca.** Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2002.

MOTTA, R. M. C. **Sociologia da Religião.** Comunicação pessoal. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Ciências Sociais. Recife, 2007.

NATIVIDADE, M. T. **Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal.** In: HEILBORN, M. L. et al (orgs.). **Sexualidade, família e *ethos* religioso.** Rio de Janeiro: Editora Garamound, 2005.

NATIVIDADE, M. T. **Religião, sexualidade e direitos humanos.** XIV Jornadas sobre alternativas religiosas em América Latina. Asociación de cientistas sociales de La religión en el Mercosul. Universidad Nacional de San Martín. Buenos Aires, setembro de 2007.

NOVAES, R.R. **Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?**.2005. In: ABRAMO, H.W. & BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo, Ed Perseu Abramo/ Instituto Cidadania.

NOVAES, R.R. **Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo.** In: TEXEIRA, F.; MENEZES, R. **As religiões no Brasil: continuidade e rupturas.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006, p.135 - 160.

PARKER R. 1994. **Corpos, Prazeres e Paixões.** São Paulo, Best Seller.

ROHDEN, F. **Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares.** In: HEILBORN, M. L. et al. **Sexualidade, família e *ethos* religioso.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 177 - 206.

SANCHIS, P. **O repto pentecostal à cultura católico-brasileira.** In: ANTONIAZZI, A. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994, p. 34 - 63.

SCOTT, R.P. & CANTARELLI, J. **Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares (dossiê).** In: Caderno CRH, Salvador, v.17, n.42, p.375-388, set/dez. 2004.

SILVA, C. J. **A doutrina dos usos e costumes da Assembléia de Deus.** Dissertação de mestrado. Mestrado em Ciências da religião, UCG, Goiânia, 2003.

SOARES, L. E. **A duplicidade da cultura brasileira.** In: SOUZA, J. (org.) **O malandro e o protestante.** Brasília: Editora Universitária - UNB, 1999.

SOUZA, S. (org.) **Gênero e religião no Brasil: ensaio feminista.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

WACQUANT, L. **Notas para esclarecer a noção de *habitus*.** Artigo FoxIt Software. Abril de 2007. Disponível em <http://www.foxitsoftware.com> Acessado em Abril de 2007.

*Recebido em 06 de Julho de 2011 Aceito em 26 de Janeiro de 2012.